MICHAEL, DE MADONNA
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DE HOMENAGEM

Genis Frederico Schmaltz Neto[1]

Resumo: Por meio de uma análise que segue os postulados semióticos de A. J. Greimas, busca-se compreender as estratégias e mecanismos utilizados no discurso de homenagem feito pelo ícone da cultura pop Madonna ao polêmico cantor Michael Jackson na abertura do *Vídeo Music Awards*, premiação promovida pela MTV anualmente. Questiona-se de que forma este discurso inverte os enunciados a respeito do cantor quando ela justifica as ações grotescas do cantor por meio de sua história de vida, acoplando evidências de pureza e razão àquilo que não se fala, também partilhando de experiências pessoais; se equipara a ele e mostra como os caminhos seguidos puderam ou não ter finais felizmente diferentes.

Palavras-chave: Semiótica francesa. Discurso. M. Jackson.

Introdução

Michael Joseph Jackson faleceu aos 50 anos no dia 25 de junho de 2009, cerca de 17.500 pessoas acompanharam seu velório. Entre especulações de assassinato e problemas de saúde, sua fama e reconhecimento mundial devem-se desde contribuições que revolucionaram o meio musical, (como a produção de videoclipes e investimentos abusivos na estética de shows, luzes e a criação de movimentos de dança como o *moonwalk),* escândalos que vão desde uma mudança grotesca de aparência - um autorracismo justificado por um vitiligo - a duras acusações de pedofilia. Ante a uma vida pública conturbada, recordes de venda certificados pelo *Guinness World Records* e inúmeros prêmios ao decorrer de sua carreira, a MTV promoveu no dia 13 de setembro de 2009 uma homenagem na abertura do *Vídeo Music Awards* (VMA), uma premiação norte-americana musical, convidando a cantora Madonna, tão icônica quanto M. Jackson, para pronunciar o discurso.

O VMA acontece desde 1984, divulgando veteranos e novos nomes do mundo da música, premiando seus trabalhos audiovisuais e desenvolvimento. Trata-se de uma

[1] Universidade Federal Goiás / Graduação / NELIM
gfschmaltz@gmail.com

mega produção que envolve celebridades, publicidade e apresentações propriamente musicais, transmitidas ao vivo para diversos países. O discurso de abertura de Madonna, que teve a duração de aproximadamente 6 minutos, marcou o evento e mobilizou fãs do mundo todo, levando os telespectadores a lágrimas e reflexão.

O vídeo rapidamente se disseminou e logo comentários como "realmente, abandonamos o Michael, apesar de tudo que ele fez, ele era um Rei", e ainda, "nós erramos com o Michael, Madonna estava certa" começaram a surgir em sites de relacionamentos e blogs na internet. De repente os tablóides passaram a se desculpar e as músicas de Jackson vêm sendo mais tocadas do que nunca. Afinal de contas, *o que Madonna disse*?

Não se nega a indubitável contribuição do cantor para com a história da música, mas de que forma as imagens formadas a seu respeito passaram em tão pouco tempo da negatividade à aceitação? Por que, e de que forma o discurso de Madonna contribuiu para isso? O que há de tão convincente em sua fala que movimentou e transformou tantos enunciados a respeito do cantor?

Foram essas as perguntas que motivaram a confecção deste artigo, que analisará sob o olhar semiótico de linha francesa o discurso produzido pela cantora, por meio do percurso gerativo do sentido elaborado por Algirdas Julien Greimas, apoiando-se brevemente nas noções de interdiscursividade e discurso, respectivamente, de Ducrot, Maingueneau, Michel Foucault e Michel Pêcheux, bem como na semiótica das paixões.

Muitos trabalhos têm sido feitos utilizando-se da semiótica, mas até então não se achou um que trabalhasse com discurso de homenagem; subentende-se então que este artigo é primeiro no que diz respeito ao discurso de homenagem ao cantor Michael Jackson, a seguir, transcrito e traduzido[2] do vídeo original, reproduzido pelo canal fechado MTV.

2. Para Michael, de Madonna

Michael Jackson nasceu em Agosto de 1958 e eu também. Michael Jackson cresceu no subúrbio de Midwest e eu também. Michael Jackson teve oito irmãos e irmãs

[2] Tradução feita por fã, sob pseudônimo Daniel Jackson, retirado do site http://www.4shared.com/file/13257381...no_VMA_09.html

e eu também. Quando Michael Jackson tinha seis anos ele se tornou um superstar e talvez a criança mais adorada do mundo. Quando eu tinha seis anos, minha mãe morreu.

Eu não tive mãe, mas ele nunca teve infância. E quando você nunca teve algo, você se torna obcecado por ela. Eu passei minha infância buscando a imagem de minha mãe; e às vezes até conseguia. Mas como você faz para recriar sua infância quando você está sob os olhares do mundo para o resto de sua vida?

Não há dúvidas de que Michael Jackson foi um dos maiores talentos que este mundo já teve a chance de conhecer. De que quando ele cantava uma música aos 8 anos de idade, ele era capaz de fazer com que você sentisse como se um adulto estivesse apertando seu coração com suas palavras. De que o modo como ele dançava tinha a mesma elegância de Fred Astaire e o mesmo impacto de um soco de Muhammad Ali. De que sua música possuía uma camada extra de uma magia inexplicável que não só fazia você querer dançar, mas que na realidade conseguia fazer você acreditar que era capaz de voar, de ousar sonhar, de ser tudo o que quisesse ser. Porque é isso que os heróis fazem. E Michael Jackson foi um herói.

Ele se apresentou em estádios de futebol ao redor do mundo, vendeu centenas de milhões de discos, jantou com primeiros-ministros e presidentes. As garotas se apaixonavam por ele, os garotos se apaixonavam por ele, todos queriam dançar como ele, ele parecia ser de outro mundo, mas ele era também um ser humano. Assim como a maioria dos artistas, ele era tímido e inseguro.

Não posso dizer que éramos grandes amigos, mas em 1991 eu decidi que queria conhecê-lo melhor. Convidei-o para jantar. Eu disse, ‘O convite é meu, eu dirijo, só você e eu’. Ele concordou e apareceu na minha casa sem qualquer guarda-costas. Fomos até o restaurante no meu carro. Estava escuro, mas mesmo assim ele usava óculos escuros. Eu disse, ‘Michael, me sinto como se estivesse conversando com uma limusine. Será que você poderia tirar esses óculos para que eu possa ver seus olhos?’. Ele ficou parado por alguns instantes, e então atirou seus óculos pela janela, olhou para mim sorrindo, piscou e disse, ‘Consegue me ver agora? Melhor assim?’. Naquele momento fui capaz de enxergar tanto sua vulnerabilidade quanto seu charme.

Passei o resto do jantar tentando convencê-lo a comer batata frita, beber vinho, comer sobremesa e dizer palavrões, coisas que ele parecia jamais se permitira fazer. Mais tarde, voltamos para minha casa para assistir filme e ficamos sentados no sofá

feito duas crianças. Em algum momento do filme, sua mão segurou a minha. Ele parecia estar procurando uma pessoa amiga e não um romance e fiquei feliz por estar ali. E naquele instante ele não se sentiu um superstar, ele se sentiu um ser humano. Nós saímos juntos mais algumas vezes e, por algum motivo, perdemos o contato. Foi então que começou uma verdadeira caça as bruxas na vida de Michael com uma história surgindo após a outra. Eu senti a dor dele. Eu sei como é andar na rua e sentir como se o mundo todo estivesse contra você. Eu sei como é se sentir desamparado e incapaz de se defender porque o barulho é tão alto que você se convence de que sua voz jamais será ouvida.

Mas eu tive uma infância (*pela segunda vez Madonna fala sobre a perda da infância de MJ, uma direta ao pai, que estava ali na frente*), e tive a chance de cometer erros e de descobrir meu caminho no mundo sem a luz dos holofotes. Quando soube da morte de Michael Jackson eu estava em Londres, alguns dias antes do início da minha turnê. Michael ia se apresentar no mesmo local que eu uma semana depois. Só consegui pensar naquele instante que eu o havia abandonado. Que nós o havíamos abandonado. Que havíamos permitido que aquela criatura magnífica que um dia agitou o mundo caísse enquanto ele tentava construir uma família e reconstruir sua carreira. Estávamos ocupados demais fazendo julgamento. A maioria de nós lhe deu as costas.

Em uma tentativa desesperada de manter sua memória viva, fui para a internet assistir alguns de seus vídeos em que ele aparecia cantando e dançando na TV e nos palcos e pensei, ‘Meu Deus, ele era tão único, tão original, tão raro. E jamais haverá alguém como ele novamente’. Ele era um rei. Mas ele também era um ser humano. E nós às vezes precisamos perder algo para aprendermos a dar valor.

Quero concluir de forma positiva e dizer que meus filhos, de 9 e 4 anos, são obcecados por Michael Jackson. Eles o imitam com os passos *moonwalk* e colocando a mão na virilha e parece que há uma nova geração descobrindo sua genialidade trazendo-o de volta à vida. Espero que, onde quer que Michael esteja agora, ele esteja sorrindo a respeito disso. Sim, sim, Michael Jackson era um ser humano, mas ele era sim um rei. Vida longa ao rei.

3. O percurso gerativo do sentido

A teoria semiótica tem por objeto de estudo a significação, não dada integralmente, mas como resultado de articulações de sentido que se convergem no texto, visando explicar *o que o texto e diz*, e, sobretudo, *como faz para dizer o que diz.* Trata-se primeiramente de analisar o plano de conteúdo, interno e estruturalmente, e, por conseguinte, estabelecer relações com o externo e suas ligações sócio-históricas (plano de expressão). Sua ideia de texto rompe com as limitações usuais à palavra ou frase, e estende-se não somente ao texto linguístico escrito ou oral, mas ao visual, gestual, ou sincrético de mais de uma expressão.

Portanto, para análise de um texto de homenagem recorrer-se-á ao simulacro metodológico elaborado por A. J. Greimas, chamado *percurso gerativo do sentido*, que compreende três etapas, iniciando-se pelos procedimentos da organização textual e, logo, envolvendo os mecanismos enunciativos de produção e de recepção do texto: o nível fundamental (simples e abstrato), o nível narrativo (intermediário), e por fim o nível discursivo (mais complexo e completo).

3.1 Nível fundamental

No nível das estruturas fundamentais, os sentidos são entendidos como uma categoria, e seus termos são determinados pela relação sensorial e oposições semânticas entre o sujeito e conteúdo. Sendo assim, a categoria semântica fundamental do texto em análise é *infância vs. idade adulta*.

M. Jackson iniciou-se precocemente no mundo da indústria musical, aos cinco anos, e aos onze, foi vocalista da banda *Jackson 5*. Seu pai, que o mantinha trancado em casa, possibilitou-lhe esse acesso ao mundo adulto ao se dar conta do dinheiro que angariaria com o talento do filho.

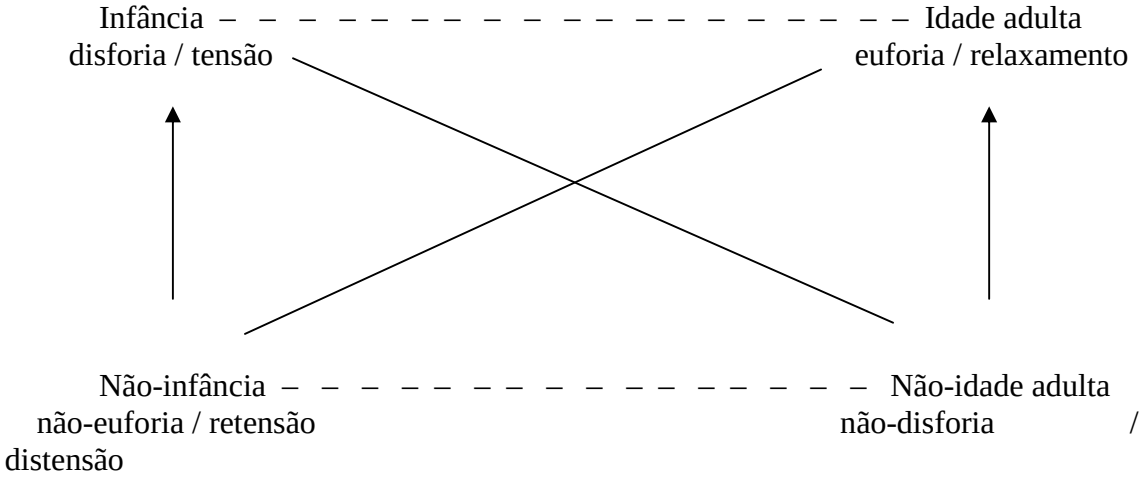
O termo infância é disfórico, e a idade adulta é eufórica, que tardar se torna disfórica. M. Jackson está em disforia com a infância, pois nunca a teve; esse enunciado vem de Madonna durante todo o texto: “ele nunca teve infância”, “como você faz para recriar sua infância (...)?” e “**mas** eu tive uma infância”. Mas ele está em euforia com a idade adulta, ainda que seja uma criança: “quando ele cantava uma música aos 8 anos de idade, ele era capaz de fazer com que você sentisse como se um adulto”. Ela o

compara aos adultos: “elegância de Fred Astaire”, “soco de Muhammad Ali”. Ele fez o que apenas adultos fazem: “jantou com primeiros-ministros e presidentes”.

Entretanto, ainda que M. Jackson esteja em disforia com a infância, parece que estar em euforia com a idade adulta não é suficiente para ser adulto. Durante o jantar, Madonna tenta “convencê-lo a beber vinho e dizer palavrões”, mas são coisas que ele “jamais se permitiu fazer”.

Infância ---------- Não Idade Adulta ---------- Idade adulta
(disforia) (não-disforia) (euforia)

Dessa forma, parte-se de uma infância negativa a uma idade adulta afirmativa que logo se transforma em idade adulta negativa, podendo ser mais bem visualizada no percurso quadrado semiótico, que se dá pela geração de dois termos positivos e sob o eixo da contrariedade, desdobrados em suas realizações negativas responsáveis pelo eixo dos sub-contrários:



– – – – – – relação entre os termos contrários
relação entre os termos contraditórios
relaçao entre os termos complementares

3.2 Nível narrativo

Indo para segunda etapa, nível das estruturas narrativas, transforma-se a categoria semântica em valor convertendo as determinações tensivo-fóricas em

modalizações; não se trata mais de negar ou aceitar conteúdos (negar a infância, aceitar a idade adulta), mas transformar por meio da ação do sujeito, estados de infância e idade adulta. Essa transformação se dá por meio de três percursos narrativos: manipulação, ação e sanção, que nem sempre estão explícitos no texto, mas relacionam-se por pressuposição.

Sendo assim, o sujeito indústria musical manipula o outro sujeito Michael para que abra mão do valor infância e viva no mundo adulto. O sujeito Michael cumpre o contrato, e recebe a sanção positiva *aos seis anos M. J. se tornou um superstar, e talvez o mais adorado desse mundo*, abandonando seu objeto-valor infância *vulnerabilidade*, assumindo outro, *canta como se fosse um adulto.*

No entanto, a ação de tentar *recriar sua infância* faz com que se rompa o contrato e a sanção da Indústria musical seja negativa *o mundo todo está contra você.* O interessante desse texto está no que pode ser dito pelo sujeito Madonna, que se equipara ao sujeito Michael: ambos são formas-sujeito reis da música pop. Ambos tentam esconder o rompimento do contrato com a Indústria musical, porém M. Jackson não consegue da mesma forma que ela o fizera *cometer erros e descobrir meu caminho no mundo <u>sem</u> a luz dos holofotes*, não consegue se afastar da exposição pública, a sanção punitiva pela quebra do contrato.

Madonna tenta justificar o rompimento partilhando de suas experiências pessoais, estabelecendo relações com as de Jackson por todo o texto, mostrando que tiveram as mesmas ações, entretanto, receberam sanções diferentes. E vai além, justifica o possível envolvimento com menores de idade: *Eu não tive mãe, mas ele nunca teve infância. E quando você nunca teve algo, você se torna obcecado por ela.*

Jackson nunca teve infância. O fato de estar obcecado por ela lhe faz se envolver com crianças e até mesmo nomear uma de suas propriedades mais valiosas de *Neverland* – "Terra do Nunca", uma referência ao livro infantil de J. M. Barrie, Peter Pan. Seriam meios plausíveis de tentar readquirir o valor infância, porém, sem nenhum sucesso. Madonna diz que *às vezes eu até conseguia* (recriar a imagem de sua mãe através da obsessão), mas como M. Jackson poderia readquirir o valor infância se *está sob os olhares do mundo para o resto de sua vida?* Novamente, é limitado pela sanção negativa.

Jackson abriu mão dos valores acordados com a infância, para aceitar os valores da indústria da música. Madonna não negociou os valores da infância, estabelecendo um acordo com a indústria musical apenas anos mais tarde; Michael perdeu os valores do contrato com a Indústria musical (aceitação, fama, sedução, pessoas o aclamando, posto de Rei) para assumir os valores da infância perdida (é julgado e punido como ser humano).

A narrativa organiza-se canonicamente em três percursos relacionados por pressuposição e constituídos de enunciados narrativos, entendidos como organizações de pelo menos um enunciado de transformação que opera sobre enunciados de estado de conjunção ou disjunção: i) enunciados de estado: em que sujeito e objeto mantém relação transitiva estática, sendo essa relação de conjunção, "estar com", e disjunção, "estar sem"; ii) enunciados de transformação (em que essa relação é dinâmica).

Quando um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado integra, portanto, estados e transformações, constitui o chamado programa narrativo, representado da seguinte forma: PN = F[S1 à (S2 _ Ov)]. A análise do texto mostra vários enunciados narrativos:

a) dois enunciados de estado de conjunção: os sujeitos *Michael* e *Madonna* em conjunção com o objeto *infância*;
b) um enunciado de estado de transformação em que o sujeito *Indústria musical* procura transformar a relação de conjunção do sujeito *Michael* com o objeto *infância* em disjunção;
c) dois enunciados de estado de disjunção: o sujeito *Michael* com o objeto *infância* e o sujeito *Madonna* com o objeto *mãe*;
d) três enunciados de estado de conjunção: o sujeito *Michael* com o objeto *Mundo*, o sujeito *Michael* com o sujeito *Madonna*, e o sujeito *Michael* com o objeto *óculos*.
e) um enunciado de estado de transformação em que o sujeito *Madonna* procura transformar a relação de conjunção do sujeito *Michael* com o objeto *óculos*, em disjunção;

f) três enunciados de estado de disjunção: o sujeito *Michael* com objeto *óculos*, o sujeito *Madonna* com o objeto *amizade*, o sujeito *Michael* com o objeto "*amizade*" do sujeito *Indústria da música*.
g) um enunciado de estado de disjunção: o sujeito *Michael* com o objeto *Mundo*.
h) um enunciado de estado de conjunção: o sujeito *Michael* com o objeto *infância*.
i) um enunciado de estado de disjunção: o sujeito *Michael* com o objeto *vida*.

3.3 Nível discursivo

Já na terceira etapa, o nível discursivo, devido aos investimentos semânticos, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de concretude, os actantes se tornam atores, e os valores se disseminam sob a forma de percursos temáticos, ou seja, a organização narrativa torna-se espacializada, actorializada e temporalizada.

A temporalização é marcada por um presente, *parece que há uma nova geração redescobrindo* e um passado (anterioridade em relação ao agora) *ele era, nasceu, fui pra internet*. Quanto à actorialização, há um narrador em primeira pessoa eu, criando um efeito de subjetividade da Madonna que conta a história de M. Jackson. Projetou-se também o discurso em 3ª pessoa, indeterminado e determinando o sujeito, *nós o havíamos abandonad*o, (nós) *havíamos permitido*, dando-se a palavra internamente à indústria musical, mas também a M. Jackson: *ele ficou parado alguns instantes, ele concordou*, produzindo ilusão de realidade, de acontecido.

Já na espacialização buscou-se um efeito de proximidade da enunciação, um *aqui*, o *subúrbio, carro, sofá de casa*, mas também se utilizou de efeitos de afastamento da enunciação, um *lá*, a cidade de *Londres, estádios de futebol, Mundo.*

O discurso de homenagem a M. Jackson compreende uma pluri-isotopia desenvolvida sob a forma de temas concretizada por meio de figuras, pelas oposições fundamentais assumidas como valores narrativos. São os seguintes temas:

a) tema da precoce exposição infantil à mídia;

b) tema dos tablóides e sua repercussão no meio popular;

c) tema dos maus julgamentos feitos a respeito de celebridades.

As leituras abstratas dos temas então se concretizam em diferentes oposições de traços sensoriais, temporais e espaciais que separam em investimentos figurativos, opondo assim a *infância* e a *idade adulta*.

Traço	Idade adulta	Infância
Tátil	segurou / apertou	-
Espacial	fechado	aberto
Visual	óculos escuros	sem óculos
Auditivo	barulho	voz interior

4. Rei?

A intertextualidade é averiguada quando há recorrência de temas que circulam nos textos e permitem interpretar outros discursos, acessível pela memória discursiva, mediante uma formação discursiva, considerado ponto de cruzamento entre os discursos. Sob a ação da memória discursiva ocorre então a interpretação dos signos que dá acesso ao interdiscurso. Trata-se de um conceito que supõe a inscrição histórica do enunciado; o leitor pode construir uma rede de significações que já vem sendo construída há muito tempo, cujos sentidos são sócio-historicamente produzidos e ideologicamente interpretados como naturais.

> O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos produzidos fora dela com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também, provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1993).

Há uma figurativização ligada diretamente a um interdiscurso bíblico; Michael Jackson foi **rei do pop**, abandonado pela indústria que o criou, era *um humano, mas também um rei,* alguém que tem características e poderes de *super-herói,* mas que foi caçado como se fosse um bruxo. Após sua morte está sendo aclamado e redescoberto

por gerações, valorizado por crianças - *parece que existe uma nova geração que está descobrindo-o e trazendo-o de volta a vida, meus filhos são obcecados por M. J.*

Ora, Jesus era **rei dos judeus**, aquele que tinha poderes, mas que fora perseguido e abandonado pelos seus. Após sua morte é aclamado de geração em geração, Ele que era humano, mas também um Rei, que *da boca dos pequeninos vinha seu reino* (Mateus 19:14).

Pedro negou Jesus, Madonna negou Jackson. Judas também traiu Jesus, e ainda o vendeu. O mundo traiu Jackson. O mundo vendeu o talento de Jackson para a morte, *só consegui pensar naquele instante que eu o havia abandonado, e que nós o havíamos abandonado*, o mundo estava *preocupado demais em julgá-lo*, e o caçou.

Este último enunciado, "caça as bruxas", é uma referência à Inquisição na Idade Média, em que se condenavam e queimavam aqueles que praticavam ações ilícitas (contrárias ao que se entendia por cristianismo) aos ideais da época. Hoje se tem consciência de que os condenados e mortos como bruxos eram inocentes, até mesmo pessoas brilhantes.

Jackson fora condenado injustamente, logo, devemos nos arrepender. Abandonamos *aquele ser incrível*, e *precisamos perder algo para darmos valor*. Então, valorizemos M. Jackson, consideremos que ele era um humano, estava sujeito a cometer erros – mas não nos esqueçamos de que também era um rei. E reis devem ser exaltados, independente do que façam, porque ainda são reis. *Vida longa ao rei.*

5. As Paixões de Madonna

O estudo das paixões consiste em entender os efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Para explicá-las faz-se necessário retomar as relações actanciais, bem como aos programas narrativos; a paixão realiza uma transformação da mesma maneira que a ação, mas a racionalidade que a dirige é a das transformações tensivas, transformações de tensões próprias à intensidade e extensidade (Cortina & Marchezan, 2009).

Madonna está decepcionada consigo mesmo e estende isso aos seus interlocutores. Trata-se de uma paixão que conduz ao sentimento de falta, definido pelo /querer-ser/ em conflito com o /saber-não-ser/ e com o /crer-não-ser/. Essa decepção

pressupõe insatisfação e provoca na tentativa de suprir a falta do objeto, novos efeitos passionais; a espera é um estado intenso e não-eufórico de não-conjunção.

Segundo Barros (2002), as configurações passionais da decepção previstas a partir do estado inicial de espera, característica das *paixões complexas* denominadas por Greimas, podem ser exemplificadas por três grupos: amargura ou mágoa, desilusão e frustração ou tristeza, ou também, cólera e rancor.

A frustração por tê-lo abandonado, somado ao ressentimento, resultam em efeitos de sentido de mal-estar, por haver ruptura com o objeto valor Jackson. Mas Madonna também se encontra esperançosa; quando diz de uma geração que o manterá vivo, crê poder estar em conjunção com o objeto desejo de alguma forma.

A esperança está ligada a uma espera paciente, é um dos efeitos de sentido da espera relaxada. Trata-se de um estado de não-disjunção e distensão, e modalizado, refere-se a um /querer-ser/, /saber-não-poder-ser/ e /não-crer-não ser/. Entretanto, Madonna nada pode fazer para obter novamente este objeto.

> A insatisfação e a decepção são estados terminativos, suscetíveis de transformar-se num sentimento de falta, incoativo. Na medida em que tínhamos duas esperas que conduziram pela não realização do que se desejava, a um duplo descontentamento, há que distinguir uma falta objetal de uma falta fiduciária. Aquela é carência do objeto que se desejava [...] O ressentimento é a consciência aguda e reiterada dessa falta. (FIORIN, 2007).

Intriga o modo como suas paixões se estenderam àqueles que a ouviam durante a premiação. As pessoas desligaram suas televisões atônitas, e aqueles que estavam presentes caíram em lágrimas. Ora, até então os enunciados que surgiam visavam chacota, ironia e sátira ao cantor falecido, assim como declarações de indiferença.

Posteriormente, as pessoas passaram a enunciar de uma outra forma, têm-se quadros na mídia em que crianças dançam e imitam M. Jackson, da mesma forma que comediantes, jornalistas e radialistas buscam promovê-lo, ainda que queiram recorrer a alguma crítica a sua vida pessoal.

A seguir, dois comentários postados em um blog na internet em que duas mulheres, das quais uma identifica-se por Sandra e a outra como Anônima, dizem sobre o discurso de homenagem feito por Madonna:

I) Ela com Michael alcançaram minha infância e minha adolescência. Suas palavras me emocionaram, pois não tiveram um resquício de hipocrisia. Depois de ouvi-la, eu me senti culpada por não ter feito algo, ter sido negligente algumas vezes e por ter ficado perdida nas enxurradas tabloidianas.

II) Madonna tem razão, nós abandonamos Michael e agora estamos com remorso porque não há volta. Devíamos de ter feito mais para ajudá-lo, talvez ele não tivesse entrado nessa crise toda, se os fãs tivessem solicitado mais a volta dele, escrito para MTV, procurado qualquer meio para levantá-lo, dar a volta por cima. Estou até hoje muito triste, é a primeira vez que eu sinto assim em relação a um artista, sinto saudade dele como artista e da pessoa dele também. Acho que a mídia foi muito dura com ele ,os tablóides nem se fala, é um horror esse tipo de jornalismo, baixo nível, que não acrescenta nada, ele não merecia o que fizeram. Para mim, ele sempre será uma pessoa do bem, não acredito em nenhuma acusação feita a ele, podem falar o que for que eu não acredito.

Considerações

Compreende-se então que por meio dos postulados semióticos de Algirdas Julien Greimas, seguindo as orientações de H. Hjelmslev, após análise profunda do plano de conteúdo posteriorizando o plano de significação, chega-se a uma materialidade que não se permite a tendenciosidades ou conclusões *a priori*, mas apercebe-se dos próprios mecanismos do texto pra explicar o que, de fato, está sendo dito.

Quando Madonna enuncia, os efeitos de sentido produzidos direcionam um novo discurso, ligado a uma ideologia cristã que interpela seus interlocutores, e comovem aqueles que a ouvem. As paixões que significam em seu discurso também contribuem para que o interlocutor a acompanhe na busca pelo M. Jackson que falta, mas que se depara apenas com a esperança de que as novas gerações o mantenham vivo.

Então, que nos arrependamos e exaltemos o rei, Michael Jackson.

Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz de Pessoa. *Estudos do discurso*. In: *Introdução a linguística*: II. princípios de análise. FIORIN, José Luiz. Contexto, páginas 187-219.

_____. *Teoria semiótica do texto*. Ática: São Paulo, 2005.

_____. *Teoria do discurso:* fundamentos semióticos. São Paulo, Humanitas, 3. ed. FFLCH/USP. 2002.

EVANGELISTA, Ulisflávio *et al*: *L´oréal paris*: uma investigação greimasiana. http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/783567. Acesso em 27/09/2009.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Semiótica das paixões:* o ressentimento. São Paulo: Alfa, 2007.

MAINGUENEAU, Ducrot. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, Pontes, 1993.

MARCHEZAN, Renata Coelho & CORTINA, Arnaldo. *Teoria semiótica:* a questão do sentido. In: *Introdução à linguística*: fundamentos epistemológicos, volume 3.

MUSSALIM, Fernanda & BENTES, A. C. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Jackson>. Acesso em 27/09/2009

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MTV_Video_Music_Awards>. Acesso em 27/09/2009